

## CULTURA - EMISSÃO E RECEÇÃO - UM PROBLEMA DE ELITES

A cultura não é, de per si, um problema dos homens. É antes uma consequência da vivência quotidiana da humanidade e do seu intenso confronto entre o vivido e o pensado. A expressão final desse confronto leva-nos, não poucas vezes, à ampla apreciação sobre a humanidade e ao encontro das grandes respostas do ser e do conhecer. Os artistas são, desta forma, um agente privilegiado de questionamento sobre os problemas avançados da humanidade e o seu produto vislumbra-se como a mais avançada criação da humanidade em cada época.

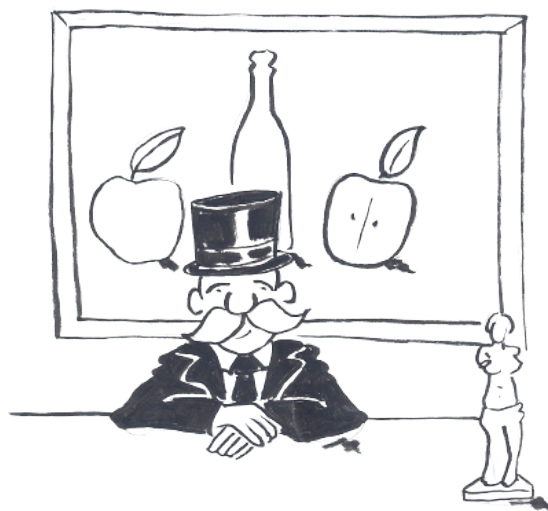
Todavia, os artistas não representam necessariamente uma vanguarda da humanidade. Em primeiro lugar porque disso depende do conceito que possamos partilhar sobre o que é um artista e, depois, porque a produção cultural é, ela mesma, uma condição intrínseca do ser humano. Esta constatação ubiqüitária e idiossincrática retira a cultura e os artistas de uma condição elitista e minoritária. Talvez por isso seja legítimo exigir um comportamento perante a manifestação cultural que seja demonstrativo deste Lachen und Weinen.

Se, sob o ponto de vista acima, a cultura não se coaduna com elites; o mesmo não podemos dizer de outras valências da vida coletiva – como a económica – onde a expressão de uma razão irracional revela uma relação desproporcional entre dois antagónicos grupos de uma mesma sociedade: os ricos e os pobres.

Apesar desta aparente divisão entre diferentes áreas da vida coletiva, a obra de Pierre Bourdieu demonstrou que os comportamentos sociais determinados pelas experiências culturais são, também eles, influenciados pelas condições económicas objetivas dos individuais e dos grupos aos quais pertencem.

É por isso que, amiúde, jovens artistas menos avisados se confrontam com logradas expectativas perante uma plateia oriunda de uma elite económica que não se permite à experiência da fruição e que faz uso da cultura como mero bibelot ornamental numa sociedade do espetáculo que Guy Debord descreve de forma tão sagaz.

Compreender que a elite económica pouco tem para a oferecer à cultura, da qual ela mesma se exclui, é um passo importante na autonomização na emissão e da receção cultural. Porque, no ato último do compromisso entre cultura e sociedade, as elites económicas recusam tendencialmente a proposta da cultura, a proposta que questiona o mundo. “Parece-me necessário interrogarmo-nos sobre a ausência de interrogação.” (Bourdieu, P. (1996). Sobre a Televisão. Zahar Editor. Rio de Janeiro.)



## NO DANÇAR É QUE FALTA CONQUISTAR O GANHO

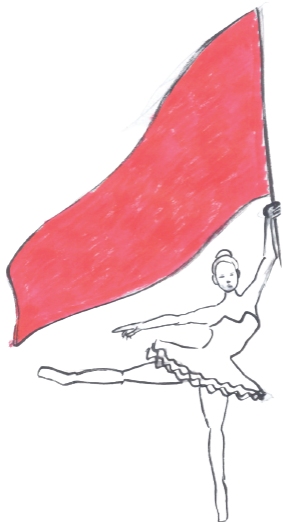
Já cá não está quem nos diga que gesto nasceu primeiro: se o de tocar, se o de dançar. Sabemos, porém, que Portugal soube ser mais atencioso para a arte dos sons do que para a arte dos movimentos. Assim se explica que às poucas escolas públicas de música da rede nacional de ensino artístico especializado correspondam as quase nenhuma escolas de dança por que o Estado se responsabiliza no Continente português (apenas três).

Não é, porém, da vontade de dançar que estamos falhos. Nos últimos anos, um pouco por todo o país, um número significativo de escolas informais de Dança foram abrindo portas, guiando passos que vão do Hip-hop ao Ballet, na sua maioria com propósitos recreativos (o que não tem nada de mal). É, por assim dizer, o “mercado” a funcionar. central da Civilização.

Mas a Escola, entendida como espaço de formação artística multilateral, tarda em expandir-se. Faltam instalações, desde logo, falta também o ambiente profissional que revele aos jovens e aos seus pais que a Dança não tem de ficar-se pelo glamour das apresentações festivas, podendo e devendo ser um modo de vida e uma atividade

À semelhança do que aconteceu no respeitante ao ensino artístico especializado da Música, os cuidados financiadores vão para os chamados operadores privados. Para estes, a educação é um negócio do momento, completamente desinserido de perspectiva e, menos ainda, de reivindicação da alteração do panorama no plano profissional. As escolas do chamado “ensino articulado” recebem financiamento para um trabalho sem projeto de futuro, no país

(continua no verso)



em que a Cultura ocupa apenas 0,4% do Orçamento de Estado. Não se sabe bem se criam bailarinos e bailarinas ou públicos, ou nem uns nem outros. O certo é que, no ambiente artístico português, as companhias de Dança são uma completa raridade em que – com exceção da Companhia Nacional de Bailado – reina o recibo verde e um futuro de incerteza.

No universo de cerca de 924.000 alunos matriculados nos ensinos básico e secundário do nosso sistema educativo, apenas cerca de 3,5% estão matriculados em cursos artísticos. Destes, cerca de 28.000 estudam Música e só cerca de 2.000 são alunos dos cursos de Dança. Se há lugar em que os números são o espelho das nossas misérias, o ensino artístico em geral, e o da Dança em particular, é um desses lugares.

Não se julgue nunca que alguém arrisca o que quer que seja no apenas-sonho. Cedo ou tarde, a notícia da falta de pão difunde-se entre os mortais e a fuga ao aprofundamento do essencial passa a ser uma regra. Há muita luta a fazer para que a Dança venha a ser a realidade que o sonho quer concretizar.

## **FORMAÇÃO CONTÍNUA: NECESSIDADE, OBRIGATORIEDADE, MITO E REALIDADE**

A formação de um docente não se esgota na formação inicial, habilitadora de competências científicas e pedagógicas para a docência. Qualquer professor facilmente reconhece que a aquisição e atualização do conhecimento ao longo da vida é fundamental para a melhoria do seu desempenho enquanto docente e, conseqüentemente, para a melhoria do ensino ministrado aos seus alunos. A legislação em vigor também realça a importância da formação contínua na melhoria da qualidade de desempenho de professores e do ensino.

Diz o Estatuto da Carreira Docente que a formação contínua deve ser planeada de forma a promover o desenvolvimento das competências profissionais do docente.

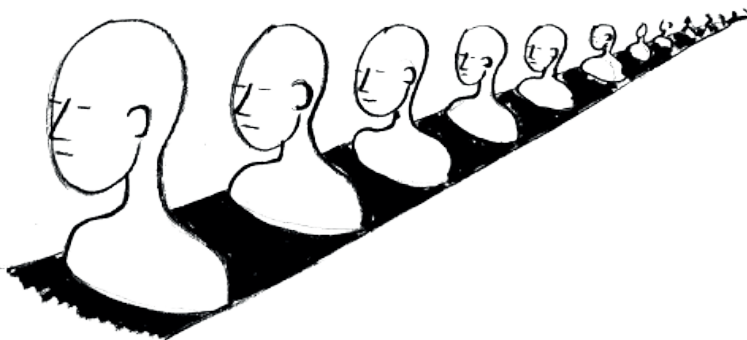
Para além deste objetivo principal, um outro existe que decorre da avaliação de desempenho docente e da progressão na carreira que tem vindo a adulterar o princípio máximo acima enunciado. A frequência de formação contínua é um requisito para a progressão ao escalão seguinte. Assim sendo, é estabelecido pelo quadro legal em vigor que o docente tem direito a frequentar formação contínua gratuita para efeitos de avaliação e progressão na carreira. É também um direito legal dos docentes escolher as ações de formação mais adequadas ao seu plano de desenvolvimento profissional e pessoal, bem como apresentar propostas para o plano de formação do Centro de Formação ao qual pertence.

O que resta de verdade na realidade vivenciada pelos professores na nossa escola?

Se olharmos, por exemplo, para o plano de formação relativo ao ano letivo transato do centro de formação ao qual a Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra está associada, das 62 ações de formação propostas nenhuma delas dá resposta, pelo seu conteúdo, ao desenvolvimento de competências científicas e pedagógicas específicas ao nosso ensino.

É certo que podíamos vir com a parangona de que o conhecimento é alargado, que todo o conhecimento é cumulativo e pode contribuir para o nosso desenvolvimento pessoal, e nesse caso tanto faria fazer uma ação em plataformas moodle, ou em literatura, mas na verdade é reconhecido pela lei que 50 por cento da formação contínua obrigatória deve ser feita na área científica do docente. Parece nos lógico que um professor de instrumento tenha a preocupação de procurar formação na sua área, quer por escolha própria, quer por obrigatoriedade imposta pela legislação.

A parca ou inexistente oferta de formação contínua gratuita na área do Ensino Artístico Especializado da Música e da Dança leva os docentes a procurarem duas soluções: contentarem-se com a frequência de ações que identificam como acrescentando pouco ou nada ao seu desenvolvimento enquanto docentes e/ou a procurarem formação paga (e frequentemente bem paga) na sua área científica. Ambas as soluções a que os docentes se veem obrigados, por força da sua legítima expectativa de progressão na carreira e que os leva a alimentar uma espécie de negócio, tem contribuído em larga medida para a descrença na importância da formação ao longo vida.



**CDU** *força decisiva*

ao teu lado  
todos os dias